

Conseguirão as formiguinhas mudar o mundo?

A partir de conversas com profissionais especializados em implantar ações sociais, colecionei, nos últimos meses, histórias reais sobre a periferia de São Paulo. Uma das que mais me tocaram foi sobre a forma de operar do crime organizado em uma favela da zona Sul. As quadrilhas funcionam como uma indústria, na qual jovens operários cumprem a jornada de trabalho pesando e enrolando papéletes de cocaína para receber quase R\$ 1 mil mensais – um salário invejável ante a remuneração média de profissionais de baixa qualificação no mercado de trabalho formal. Esses jovens, na maioria recém-chegados à adolescência, são arregimentados principalmente em bailes ou shows promovidos pelos próprios traficantes com a finalidade exclusiva de recrutar novos quadros, como se fossem “head-hunters” do mal. Não existem,

nessa favela, outras “entidades” capazes de fornecer lazer com tanta eficiência.

Outra história tem a ver com educação e veio de uma profissional especializada em professores da rede pública. O projeto se propõe a modificar o comportamento dos professores para integrar escola e comunidade de modo a reduzir o nível de violência e o índice de evasão dos alunos. A maioria desses profissionais não lê nem livros nem jornais e mal conhece a matéria que ministra (talvez daí venha a insegurança em inovar). “Aqueles que lêem um pouco mais têm uma visão muito ideológica e pouca base de conhecimentos para transmitir”, disse ela.

Parte dessa realidade é acessível por filmes, noticiários, estudos acadêmicos e estatísticas. Mas senti-la “in loco”, posso garantir, é muito diferente – e mais forte. Principalmente quando se ouvem também

a angústia e o ceticismo das mães. “É preciso dar lazer a nossos filhos para tirá-los das mãos dos bandidos”, diz uma delas. “Muita gente vem aqui e fala em inclusão social. Mas incluir nossos jovens em quê? Na sociedade do lado de fora, para que eles saiam da favela e trabalhem como empregados domésticos em casas de ricos?”, completa outra em defesa da preservação da cultura e da dignidade locais.

Falta de renda, falta de educação e falta de instituições fortes e respeitadas. Está formado o tripé que sustenta o atual quadro de violência social. E se anos atrás essa violência refletia-se basicamente no cotidiano das regiões periféricas, agora atinge em cheio a vida dos habitantes das áreas mais centrais. Não é preciso chegar ao extremo dos atentados dos criminosos do Primeiro Coman-

Passé rápido

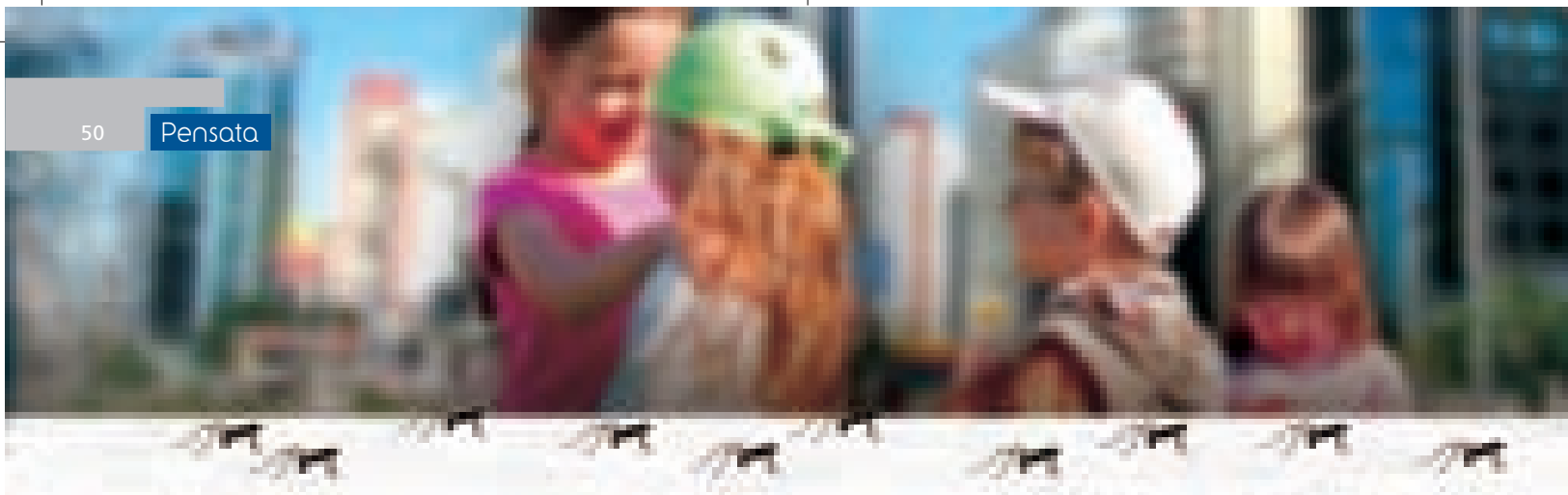
Desafio 1 – Falta de renda, falta de educação e falta de instituições fortes e respeitadas. Está formado o tripé que sustenta o atual quadro de violência social.

Desafio 2 – E se anos atrás essa violência refletia-se basicamente no cotidiano das regiões periféricas, agora atinge em cheio a vida dos habitantes das áreas mais centrais.

Desafio 3 – O curioso é que a intensificação desse quadro coincide com uma movimentação muito grande em torno do conceito de responsabilidade social.

Solução – A questão, agora, portanto, não é fazer ou não fazer. Isso já está superado. A questão é: o que se faz é suficiente, está na direção correta, pode ser aperfeiçoado?

Como – Assim, quando se soma a tendência empresarial, o movimento das inúmeras ONGs e instituições assemelhadas e a boa vontade das pessoas físicas, a corrente fica tão forte que parece ser capaz de carregar os germes de uma necessária mudança mais profunda.



do da Capital (PCC) para constatar essa realidade. Basta olhar a tensão de motoristas em faróis e congestionamentos ou o desconforto dos habitantes dos chamados bairros nobres com os moradores de rua.

O curioso é que a intensificação desse quadro coincide com uma movimentação muito grande em torno do conceito de responsabilidade social – que não se confunde com filantropia, que extrapola o apoio aos menos favorecidos, mas que, naturalmente, também se manifesta na implantação de projetos nessa direção. Uma pesquisa no Google, por exemplo, mostra que existem nada menos que 12 milhões e 800 mil páginas produzidas no Brasil a abordar o tema. Um número muito maior do que as páginas relativas à ética (7 milhões e 260 mil), conceito mais antigo, mas que, por óbvias e infelizes razões, ganhou corpo nos últimos 12 meses.

Essa exposição na web, assim como o crescente número de premiações, seminários e cursos, é compreensível. Afinal, é difícil encontrar, hoje em dia, uma empresa que não tenha o seu projeto social, por menor que seja. Algumas, mais avançadas, já consolidaram essa linha de ação e buscam, agora, inserir a atitude ética e a responsabilidade social e ambiental em seu cotidiano e na relação com todos os grupos de interlocutores. Exemplos são os esforços para aumentar a qualidade de atendimento ao consumidor ou a transparência com os investidores. Outras empenham-se simultaneamente nas duas direções: a implantação de projetos específicos e a mudança de atitude. Afinal, ser uma empresa social e ambientalmente res-

ponsável deixou de ser opção para transformar-se em imperativo: é uma questão de imagem. E é bom que seja assim, pois, se a função principal de uma companhia é produzir resultados consistentes ao longo do tempo a fim gerar renda e empregos – alguns dizem até ser essa a sua principal ação social –, apenas projetos que se inserem dentro da lógica corporativa conseguem ter consistência e perenidade.



DIVULGAÇÃO

Para Maria Angela, empresas devem considerar a responsabilidade social em todas as suas atividades.

O lado perverso desse quadro é a constatação de que as carências sociais são tamanhas que fornecem um potencial imenso para a expansão dessa efervescência, que já produz resultados exemplares. Para onde se volte a vista, nota-se que há espaço de ação: no combate às drogas, no combate à violência, no respeito à diversidade, na melhoria da educação e da saúde, na extinção da miséria, na inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais etc. etc. etc.

O lado positivo é saber que milhares de formiguinhas caminhando juntas for-

mam um exército de formiguinhas. Assim, quando se soma a tendência empresarial, o movimento das inúmeras ONGs e instituições assemelhadas e a boa vontade das pessoas físicas, a corrente fica tão forte que parece ser capaz de carregar os germes de uma necessária mudança mais profunda. Principalmente porque as empresas agregam cidadãos – os mesmos que estão sujeitos aos efeitos dessas carências sociais. E esses cidadãos são pessoas com valores como solidariedade, respeito e cidadania.

A questão, agora, portanto, não é fazer ou não fazer. Isso já está superado. A questão é: o que se faz é suficiente, está na direção correta, pode ser aperfeiçoado? Existe uma efetiva relação de troca ou apenas os atos estanques de dar e receber? Sem esquecer que o Estado e a sociedade civil têm papéis distintos e complementares quando se fala em prover saúde e educação e em montar um cenário econômico capaz de gerar rendas e empregos. Assim, movimentar-se para estimular o Estado a voltar a cumprir suas funções básicas – incluindo, nessa relação, o fortalecimento das instituições – pode ser o maior dos projetos sociais hoje em gestação. E, nesse caso, não bastam ações coletivas. É preciso, também, posturas individuais. Afinal, inúmeras formiguinhas caminhando juntas... ■

Maria Angela Jabur

Diretora de Comunicação e Responsabilidade Social da AES Eletropaulo, coordenadora de Comunicação e Responsabilidade Social do grupo AES no Brasil.